

ANA KARLA TZORTZATO ALMEIDA



**CARTOGRAFANDO OS PROCESSOS DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA
PROFESSORA DE ARTE DA ESCOLA ESTADUAL AFONSO PENA
JÚNIOR**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

ANA KARLA TZORTZATO ALMEIDA

**CARTOGRAFANDO OS PROCESSOS DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA
PROFESSORA DE ARTE DA ESCOLA ESTADUAL AFONSO PENA JÚNIOR**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Cláudia Regina dos Anjos

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Almeida, Ana Karla Tzortzato, 1991

Cartografando os processos de ensino-aprendizagem da professora de arte da Escola Estadual Afonso Pena Júnior: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Ana Karla Tortzato Almeida. – 2015.

62 f.

Orientadora: Cláudia Regina dos Anjos

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. , Anjos, Cláudia Regina dos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Cartografando os processos de ensino-aprendizagem da professora de Arte da Escola Estadual Afonso Pena Júnior*, de autoria de Ana Karla Tzortzato Almeida, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Claúdia Regina dos Anjos - Orientadora

Verona - Professora membro da banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Índice

Acompanhar processos de ensino/aprendizagem _____	06
Reflexão Metodológica: Uma perspectiva cartográfica na pesquisa _____	09
Percursos e Dispositivos _____	15
Potências que movem nos processos de ensino/aprendizagem _____	18
(In)Conclusão _____	29
Referências _____	30

Acompanhar processos de ensino/aprendizagem

Os processos de ensino/aprendizagem em Artes, a investigação na construção de subjetividades e construção de conhecimento são palavras chaves que fazem parte das minhas pesquisas desde o início da vida acadêmica. Durante a licenciatura (Teatro – UFSJ), realizei pesquisas em espaços não-formais de ensino, onde desenvolvi oficinas terapêuticas de teatro no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de São João Del Rei por três anos (2011-2013). Já o contato com espaços formais de ensino ficaram restritos aos estágios e ao PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), no qual fui bolsista (2010-2012), ambos voltados para o teatro na escola.

Quando obtive o título de licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de São João Del Rei, me encontrei com o Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, da Escola de Belas Artes/UFMG, vi nesse curso a oportunidade de ampliar meus horizontes, minha formação como professora de Arte. Ampliando e complementando meu repertório de Ensino de Artes Visuais, visto que, a graduação em Teatro não contempla-nos com conteúdos e disciplinas direcionadas especificamente para o Ensino de Artes Visuais.

As disciplinas como Laboratório de Ensino de Artes Visuais, Pesquisa em/sobre Ensino de Artes Visuais, propunham-nos pensarmos enquanto professor de Arte, dando importância a essa percepção sobre como nós nos formamos e como ensinamos, trazendo-nos a reflexão sobre nossos processos de ensino/aprendizagem. Nos encontros presenciais do CEEAV/UFMG do polo Tiradentes, várias professoras de Arte, que já lecionavam algum tempo no ensino regular sempre traziam relatos sobre seus processos de ensino/aprendizagem. Nessas trocas sempre chamavam a atenção a forma como cada uma das professoras compartilhavam seus processos e construções de subjetividades com os seus respectivos alunos a partir de suas práticas. Tendo em vista que, nunca lecionei como professora no ensino regular, sempre senti essa necessidade de acompanhar esses processos de ensino/aprendizagem de uma professora de Arte. Nesse ponto, me despertaram curiosidades, e o desejo, em compreender e acompanhar mais de perto esses processos de ensino-aprendizagem de uma professora de Arte, porém agora, no âmbito da pesquisa em Ensino de Artes Visuais.

Ao iniciar a disciplina de Pesquisa I, no CEEAV/UFMG, na escolha do objeto de pesquisa optei por compreender esses processos de ensino/aprendizagem, para que assim pudesse vivenciar mais de perto as experiências com o ensinar arte na Escola. Percebi que dentro do próprio curso teria uma colega que seria interessante de acompanhar os processos de ensino/aprendizagem. Nos relatos da professora Josiane Marques nos encontros do CEEAV/UFMG no polo Tiradentes, a forma

como ela levava as propostas artísticas para os alunos sempre me chamaram a atenção. Sempre mais voltados para Arte Contemporânea, mas sem deixar de lado os outros movimentos artísticos, também me interessou como a professora Josiane demonstrava uma preocupação em contextualizar cada movimento para que assim os alunos obtenham fundamentos para apreciar, contemplar e refletir sobre a Arte em suas diversas manifestações.

Desde o início de 2015 integro o Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem (GEFI), da UFSJ, coordenado pela professora Giovana Scareli, onde me dedico aos estudos no método da cartografia de Gilles Deleuze, que entende o sentido da cartografia como o acompanhamento de processos, percursos, implicações em processos de produção, tem como objetivo acompanhar um processo, investigar um processo de produção de conhecimento. Com essas perspectivas, comecei a pensar no que eu gostaria de pesquisar para a monografia do CEEAV/UFG. Nesse sentido, surge o desejo de investigar e acompanhar os processos de ensino/aprendizagem de uma professora de Arte, para que assim, pudesse compreender o que move esta professora nesses processos. Identificar quais são os desafios, dilemas, as potências, no sentido deleuziano, bem como as experiências e os processos de ensino/aprendizagem de uma professora de arte de uma escola pública no interior de Minas Gerais.

Nesse sentido, esse estudo de caso tem como objetivo geral identificar e compreender as práticas em ensino/aprendizagem de Artes Visuais na Escola Estadual Afonso Pena Júnior, no município de São Tiago, Minas Gerais, especificamente, nas turmas da professora Josiane Marques de Almeida, a partir das indicações contemporâneas para o ensino/aprendizagem de Arte. E como objetivos específicos, compreender os processos de ensino/aprendizagem utilizados pela referida professora, e como desenvolve suas aulas. Cartografar os processos de ensino/aprendizagem em Artes Visuais desenvolvidos em sala de aula. Identificar as práticas de ensino/aprendizagem em Artes Visuais realizadas na referida escola. Observar as aulas de arte da referida professora. Aplicar os dispositivos (entrevista, diário de pesquisa, observações) para produção de dados do estudo de caso. Transcrever e analisar os dados produzidos na pesquisa a partir da aplicação dos dispositivos. Discutir os dados produzidos a partir das práticas, conceitos e ideias do ensino/aprendizagem de Artes Visuais de pensadores contemporâneos.

Essa monografia possui mais três partes, sendo a primeira intitulada como, **Reflexão Metodológica: Uma perspectiva cartográfica**, nesta parte faço uma reflexão e uma revisão bibliográfica, expondo os pensadores escolhidos como referência que inspiraram nas ideias para esse estudo de caso. A segunda parte intitulada **Percursos e Dispositivos**, é a descrição do estudo de caso, em que consta as informações gerais e dados específicos sobre o processo de pesquisa e investigação proposta. A terceira parte intitulada **Potências que movem nos processos de ensino**

aprendizagem, é a Análise do Estudo de Caso, em que exponho o acompanhamento dos processos de ensino/aprendizagem da professora Josiane partindo dos percursos e dispositivos criados. Finalizo com uma **(In)Conclusão**, que seria as considerações finais dessa monografia bem como as (In)conclusões que nela permeiaram, e que se desdobraram em novas e futuras pesquisas.

Parte 1

Reflexão Metodológica: Uma perspectiva cartográfica na pesquisa

Os pensadores escolhidos como referência e inspiração para a realização desse trabalho foram selecionados a partir da identificação que encontrei entre algumas ideias e pensamentos desses teóricos com o tema pretendido na pesquisa. De alguma forma, os teóricos escolhidos tratam do “tornar-se professor”, do “torna-se professor de Arte”, um indivíduo em um contínuo processo de formação, ensino e aprendizagem, numa caminhada constante e infinita. Um processo de pesquisa em que sujeito, objeto e conhecimento são efeitos coemergentes e se modificam mutuamente produzindo um conhecimento num campo de implicações cruzadas, não havendo neutralidade desse conhecimento. A perspectiva metodológica que melhor se alinha às convicções propostas para esse estudo é a cartografia, partindo do conceito apresentado por Gilles Deleuze e Félix Guattari. “Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicações em processos de produção, conexão de redes ou rizomas.” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2012, p. 10). Nesse sentido, esse estudo se apropria de algumas das ideias da cartografia como método.

O cartógrafo, imerso no plano das intensidades, lançado ao aprendizado dos afectos, se abre ao movimento de um território. No contato, varia, discerne variáveis de um processo de produção. Assim, detecta no trabalho de campo, no estudo e na escrita variáveis em conexão, vidas que emergem e criam uma prática coletiva. (KASTRUP, PASSOS, ESCÓSSIA, 2014, p.74)

Ao cursar uma disciplina isolada no curso de Pedagogia (UFSJ), Fundamentos e Didáticas da Arte Educação¹, tive o contato com textos que me inspiraram para o objetivo desta pesquisa, o tópico 1. O COMPROMISSO DE SABER ARTE E SABER SER PROFESSOR DE ARTE, da parte II do livro Arte na Educação, de Maria Felisminda de Resende e Fusari e Maria Heloísa Corrêa de Toledo Ferraz, da Editora Cortez, 2001, São Paulo – SP, (p.53-55). Nesse tópico as autoras pontuam alguns dos saberes necessários dos professores de Arte, bem como, suas propostas pedagógicas, afirmando que o professor de Arte precisaria necessariamente, saber arte e saber ser professor de Arte. Propõem que o professor de Arte atue a partir de uma pedagogia mais realista e mais progressista, aproximando o aluno do legado cultural e artístico da humanidade, de forma que construam o conhecimento dos aspectos mais significativos da nossa cultura, em suas diversas manifestações. Para que isso aconteça de fato, sugerem-nos inicialmente um aprofundamento nos estudos, evoluindo-se no saber estético e artístico.

Os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saibam arte

¹ Ministrada pelas professoras Giovana Scareli e Lucia Helena Pereira, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João Del Rei.

vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional. Ao mesmo tempo, o professor de arte precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode concorrer para que seus alunos também elaborem uma cultura estética e artística, que expresse com clareza a sua vida na sociedade. O professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte. (FERRAZ, FUSARI, 2001, p.53)

Para Ferraz e Fusari (2011), cabe ao professor ir a busca de um aperfeiçoamento na sua formação e na sua prática pedagógica, sendo necessária a prática de ações nesses processos de formação e de ensino/aprendizagem, podendo ser: estudar, participar de cursos, buscar informações, discutir, aprofundar reflexões e práticas com os colegas docentes. Sugerem-nos também a participação em associações de professores e de pesquisadores em Arte que contribuam para atualização e o desenvolvimento profissional e político. Nesse sentido, as autoras nos indicam para esse aprimoramento uma atualização de leituras, buscando em acervos de bibliotecas regionais e de universidades que contam com publicações de textos e periódicos sobre a arte e o ensino. Destacam ainda, que quando houver falta desses materiais é interessante que a troca de informações interleitores e interbibliotecas sejam estimuladas e solicitadas. As autoras ainda enfatizam, que as bibliotecas escolares poderiam incluir mais documentos icônicos, sonoros (mídias), que ampliem e as transformem em midiatecas.

Ferraz e Fusari (2001) finalizam esse tópico destacando o desenvolvimento e ação profissional do professor de Arte, que além do contato direto com tais materiais, o professor pode complementar com frequentações a museus, monumentos históricos e artísticos, centros culturais entre outros, de forma que esteja sempre imerso no mundo da arte e da cultura, preparando-se continuamente. Também, cabe ao professor ter um domínio presente da sua área de atuação e o que a mesma abrange, detectando os conteúdos fundamentais de Arte que, realmente, contribuam para a formação dos seus alunos.

Nesta monografia não visou acerrar se esses compromissos com o saber Arte e saber ser professor de Arte, propostos por Ferraz e Fusari (2001), estão sendo devidamente aplicados, o que me afectou, me moveu no texto das referidas autoras, foi ter a dimensão e consciência desse “saber Arte” e “saber ser professor de Arte”. Como o professor de Arte consegue ter dimensão desse compromisso com seu processo de formação e seu processo de ensino/aprendizagem em Arte? O que move o professor de Arte? O que o afecta estético-artisticamente interfere na construção do conhecimento e na produção e subjetividades daqueles a quem ensina? Essas foram algumas questões que me surgiram durante o processo de pesquisa.

Virginia Kastrup²(2009), no vídeo intitulado A Aprendizagem Inventiva³, traz um pensamento interessante ao qual identifiquei completamente esse estudo de caso que proponho, entender o ensinar Arte no sentido de criar condições para que a experiência com a Arte aconteça. A Arte não pode ser compreendida como um saber que se acumula, a Arte deve ser mais um saber para o cultivo de si, ou do cultivo de um campo coletivo de forças. O ensinar Arte, assim, só é possível se for compreendido a atividade de ensino, como uma atividade em que se compartilha uma experiência ou se sustenta um campo de problematização. Nesse sentido, não pode ser definida com uma palavra de ordem, nem uma regra, ou um método pré-definido, o criar é no dia a dia, fazendo junto, compartilhando experiências. É inspirada nessas ideias sobre o ensinar Arte que foram emergindo os objetivos desse estudo de caso, acompanhar os processos de uma professora de Arte.

Referente aos procedimentos e metodologia do estudo proposto me inspirei no método da cartografia, um conceito formulado e apresentado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, na Introdução: *RIZOMA*, do *Mil Platôs I* (Paris: Minuit,1980; Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.), no qual definem o sentido da cartografia, como sendo o acompanhamento de percursos, implicações em processos de produções, conexões de redes ou rizomas. Como um princípio do rizoma, que atesta no pensamento, sua força performática, pragmática, surgindo assim, a cartografia, com o objetivo de acompanhar um processo, investigar um processo de produção de conhecimento.

Para melhor compreender o conceito de cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), auxiliei-me pelo *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, organizado por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia (Porto Alegre, Editora Sulina, 2014). Essas pistas propostas pelos referidos autores e seus colaboradores me auxiliaram principalmente a compreender a processualidade que está presente em cada momento da pesquisa, entendendo que,

a processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obras. O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um *ethos*, e não está garantida de antemão.

(...) O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva de conhecimento. Há um coletivo se fazendo com a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo com o coletivo. A produção dos dados é processual e a processualidade se prolonga no momento da análise do material, que se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo. Da mesma maneira, o texto que traz e faz circular os resultados da pesquisa é igualmente processual e coletivo, resultado dos

²Virginia Kastrup, Doutora em Psicologia (PUC-SP), professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFRJ. É pesquisadora do CNPq e realiza pesquisas nas áreas de cognição, produção de subjetividade, arte e deficiência visual.

³Virginia Kastrup: A Aprendizagem Inventiva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sz7-cLdgsVk>

muitos encontros. (KASTRUP, PASSOS, ESCÓSSIA, 2014, p. 73-74.)

A cartografia possibilitou uma maior flexibilidade na sistematização da pesquisa, na interpretação dos dados produzidos, nas reflexões e nas conclusões. O método da cartografia mostrou-se instigante e adequado para discutir e refletir os processos de ensino/aprendizagem e as produções de subjetividades de um professor de Arte, como proponho nesse estudo de caso. A partir de estudos que venho realizando desde 2014 sobre o método da cartografia e a partir das pistas do método da cartografia identifiquei algumas das formas de condução dessa pesquisa.

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estado de coisas; intervém na realidade mais do que interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal. O método da cartografia implica também a aposta ético-político em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo. (KASTRUP, PASSOS, ESCÓSSIA, 2014, p.170)

Na *Pista 3 Cartografar É Acompanhar Processos*, Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup apresentam a proposta do método da cartografia,

que tem como principal desafio desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades.(KASTRUP, PASSOS, ESCÓSSIA, 2014, p.55-56).

Nesse sentido entende-se que pela cartografia, desenvolve-se produção de subjetividades através da problematização, cartografar é problematizar, criando sempre caminhos e suas possíveis linhas de fuga, os processos estão constantemente em curso, em que, na pesquisa de campo habita-se um território, que a princípio o pesquisador-cartógrafo - não habita. “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.” (Deleuze e Guattari,1994, p. 19). Nesse sentido, a partir da *Pista 7 Cartografar É Habitar Um Território Existencial*, escrita por Johnny Alvarez e Eduardo Passos, é possível compreender que,

Habitar um território existencial, diferente da aplicação da teoria ou da execução de um planejamento metodológico prescritivo, é acolher e ser acolhido na diferença que se expressa entre os termos da relação: sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado, eu e o mundo. A cartografia introduz o pesquisador numa rotina singular em que não se separa teoria e prática, espaços de reflexão e de ação. Conhecer, agir e habitar um território não são mais experiências distantes umas das outras. (KASTRUP, PASSOS, ESCÓSSIA, 2014, p. 148-149)

No estudo de caso em questão esse território habitado foram os processos de ensino/aprendizagem da professora de Arte Josiane Marques, da Escola Estadual Afonso Pena Júnior, na cidade de São Tiago, Minas Gerais. “O pesquisador mantém-se no campo em contato direto com as pessoas e seu território existencial” (KASTRUP, PASSOS, ESCÓSSIA, 2014, p. 56), produzindo dados a partir de dispositivos criados para esse cartografar, o acompanhamento desses processos de

ensino/aprendizagem.

Nessa perspectiva, nesse estudo de caso foram desenvolvidos os seguintes dispositivos para as produções de dados:

- *Entrevista Aberta*; Escolhi esse tipo de entrevista a princípio por que não queria que fosse uma entrevista formal, com questionários, optei por uma entrevista aberta e livre. A entrevista aberta foi o ideal para o nosso estudo e principalmente para a questão chave desta pesquisa “ O que te move no trabalho?”, no caso, “o que move a professora Josiane no trabalho que desenvolve na Escola Estadual Afonso Pena Júnior?”. Com essa questão chave, busquei compreender quais as potências movem essa professora no processo de ensino/aprendizagem de Artes Visuais. Potências no sentido deleuziano, por Espinoza, Potência de Agir, o que te move, incomoda, afecta, no caso deste estudo. o que te move em ser uma professora de Arte. De forma que identificasse não somente as potências, mas os dispositivos criados pela professora para o desenvolvimento do seu trabalho na referida escola. Dispositivos, entendo como ações, coisas, objetos, acontecimentos, que provocam novas possibilidades nas análises dos dados produzidos.
- O *Diário de Pesquisa*, me auxiliou nas impressões, reflexões, avisos, datas de todo o processo da pesquisa e algumas informações gerais, como dados específicos.

O trabalho da pesquisa deve ser sempre acompanhado pelo registro não só daquilo que é pesquisado quanto do processo mesmo do pesquisar. (KASTRUP, PASSOS, ESCÓSSIA, 2014, p. 172)

- *A Observação*, outro dispositivo que me auxiliou nessa investigação, foi

“a adoção de um olhar em que não há separação entre objetivo e subjetivo. Trata-se da contemplação da coemergência sujeito/mundo.” (KASTRUP, PASSOS, ESCÓSSIA, 2014, p. 110).

Nesse estudo de caso pude acompanhar processos de ensino/aprendizagem de turmas da professora Josiane Marques, durante as oficinas de preparação dos alunos para o *Café Literário* da E. E. Afonso Pena Júnior, organizado pela professora Josiane, seus alunos, coordenadores, diretoras e entre outros professores. A cartografia como dissolução do ponto de vista do observador, mostramos como,

O cartógrafo acompanha essa emergência do si e do mundo na experiência. Para realizar sua tarefa, não pode estar localizado na posição do observador distante, nem pode localizar seu objeto como coisa idêntica de si mesma. O cartógrafo lança-se na experiência, não estando imune a ela. Acompanha os processos de emergência, cuidando do que advém. É pela dissolvência do ponto de vista que ele guia sua ação. (KASTRUP, PASSOS, ESCÓSSIA, 2014, p. 129)

- Os *Registros Fotográficos*, foram dispositivos que complementaram as falas e relatos das

aulas da professora Josiane durante a entrevista aberta, essas imagens ilustram alguns dos trabalhos apresentados pelos alunos de acordo com as propostas e dos temas escolhidos pelos alunos, a partir do livro didático de Arte que tem sido utilizado na referida escola.

Entendendo que o objetivo da cartografia,

é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso, é preciso num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. (KASTRUP, PASSOS, ESCÓSSIA, 2014, p.57)

Nesse sentido, busquei neste campo coletivo de forças aplicar esses dispositivos para produção de dados me deixando levar pelos “affectos” e “perceptos” do acompanhamento dos processos de ensino/aprendizagem da professora Josiane Marques com seus alunos. Affectos e perceptos no sentido deleuziano, affecto, não de afeto, mas de algo que quando você tem um contato gera em você reações diversas, e perceptos, no sentido de percepções que te afectam.

Parte 2

Percursos e Dispositivos

Nesse estudo de caso pretendeu-se compreender e identificar os processos de ensino-aprendizagem em Artes Visuais na Escola Estadual Afonso Pena Júnior, no município de São Tiago, Minas Gerais, especificamente, com as turmas do Ensino Médio em que a professora Josiane Marques de Almeida leciona, a partir das indicações contemporâneas para o ensino/aprendizagem de Arte. Nessa escola a professora Joseane ministra aulas de Arte desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até as turmas dos anos finais no Ensino Médio, além de ministrar algumas disciplinas complementares, como, Comunicação Aplicada⁴ em projetos e programas de ensino que a escola abrange. A Escola Estadual Afonso Pena Júnior, está localizada no centro da cidade de São Tiago, em Minas Gerais, na Praça Ministro Gabriel Passos. Atualmente a escola conta com 984 alunos matriculados, distribuídos em três turnos, contendo ainda no turno noturno uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos) do Ensino Médio.



Imagem 1: Fachada da Escola Estadual Afonso Pena Júnior.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao cursar o CEEAV/UFMG, a professora Josiane Marques de Almeida sempre relatava suas experiências com o ensino/aprendizagem de Arte, geralmente referentes seus aos alunos e as práticas em sala de aula na E. E. Afonso Pena Júnior. Os relatos da professora Josiane Marques, sempre me afectaram, a forma como transmitia a sua compreensão da arte e suas experiências artísticas, a forma como ela cria as experiências com a Arte, bem como a forma como ela desenvolvia esses saberes com seus alunos, com seu cotidiano escolar, suas relações com a comunidade escolar, e chamava a atenção pela receptividade de todos das propostas da professora. Como todos da escola acolhiam, participavam e contribuíram para as ações promovidas pela professora Josiane.

Tendo como perspectiva as pistas do método da cartografia, a produção dos dados deste estudo de caso foram desenvolvendo de acordo com a aplicação dos dispositivos, principalmente a

⁴A professora Josiene, ministrou esta disciplina para os alunos do 1º ano do Ensino Médio, dentro do Projeto REM – Reinventando o Ensino Médio. (Mais detalhes no capítulo 3 desta monografia.)

entrevista aberta e a observação do território, que possibilitaram o contato com as práticas pedagógicas da professora Josiane, além dos relatos de outras de suas experiências de ensino/aprendizagem em Artes Visuais. A entrevista aberta foi uma conversa livre, sendo feita em dois momentos, no primeiro, áudio 1 (31 min.). No segundo momento, áudio 2 (45 min.), apresentei a professora Josiane a pergunta chave desse estudo de caso: “O que te move no trabalho que desenvolve na Escola Estadual Afonso Pena Júnior?”. O dispositivo registro fotográfico foi interessante para a visualização de alguns dos trabalhos apresentados pelos alunos, que foram mostrados durante a entrevista aberta.

O diário de pesquisa auxiliou em alguns dados, datas e reflexões que me ocorreram durante todo o processo do estudo de caso. O diário de pesquisa nos permitiu escrever reflexões rápidas durante o processo de observação, tendo em vista que durante a investigação nos surgem vários novos elementos que não necessariamente esperaríamos encontrar, também foi um grande parceiro nos momentos de delinear e decupar os processos de observação e a entrevista aberta. A observação aconteceu em um dia, das 7h as 17h, nesse dia pude acompanhar as turmas que a professora Josiane leciona, conhecer a escola, os ambientes e salas.

Outro dispositivo que agreguei a essa produção de dados foi um Relato de Experiência fornecido pela professora Josiane. Nesse relato foi possível captar alguns dados específicos e informações que complementaram os depoimentos da entrevista aberta, complementando dados e informações como, datas, turmas, nomes de projetos, além de conter nesse relato um acervo de imagens dos trabalhos realizados e experiências artísticas vivenciadas com os alunos e a professora Josiane.

Num segundo momento, iniciei o processo de transcrição dos dados produzidos a partir dos áudios da entrevista aberta, optei por uma transcrição parcial no sentido de que transcrevi dos áudios da entrevista aberta os momentos onde as falas da professora Josiane estavam com o foco na sua formação e nas suas experiências artísticas profissionais em relação as suas experiências artísticas propostas e produzidas em sala de aula. Na perspectiva de parceria, de troca de saberes e experiências em ensinar Arte é que começamos nossa entrevista, onde nela pude conhecer e acompanhar mais de perto os processos de ensino/aprendizagem em Arte desenvolvido pela professora na Escola Estadual Afonso Pena Júnior.

A entrevista teve a duração aproximada de 2 horas e foi realizada no dia 6 de outubro de 2015, no campus Dom Bosco, da Universidade Federal de São João Del Rei.

A análise e sistematização dos dados produzidos a partir da aplicação dos dispositivos criados, a entrevista aberta, o diário de pesquisa, as observações e os registros de áudio e fotográficos aconteceram numa perspectiva de abordagem do método qualitativo de pesquisa,

abordagem essa que, a partir do contato do(a) pesquisador(a) com o sujeito da pesquisa, torna possível apreender não só a realidade objetiva, como também a experiência subjetiva e as perspectivas daqueles(as) que constituem nossos parceiros (sujeitos da pesquisa) na construção de conhecimento. (GATTI; ANDRÉ, 2013, p. 272.)

Nessa perspectiva de parceria, de troca de saberes e experiências em ensinar Arte é que começamos nossa entrevista aberta, onde nela pude conhecer e acompanhar mais de perto os processos de ensino/aprendizagem em Arte desenvolvido pela professora Josiane na Escola Estadual Afonso Pena Júnior. Nesse sentido, pretende-se compreender os processos de ensino/aprendizagem em Arte que a referida professora executa e as suas potências nesse trabalho.

Parte 3

Potências que movem nos processos de ensino/aprendizagem

Josiane, o que te move no trabalho de ensino/aprendizagem em Arte que desenvolve na Escola Estadual Afonso Pena Júnior? Na busca por compreender quais potências movem essa professora de Arte no processo de ensino/aprendizagem de Artes Visuais e identificar, para além das potências, os dispositivos criados pela professora Josiane para desenvolver o ensino de artes visuais foi que norteou estes estudos.

A formação teatral e experiências artísticas vivenciadas durante sua participação no NET - Núcleo de Estudos Teatrais e do Grupo Lagoa do Nado, ambos em Belo Horizontes – MG, influenciaram a professora Josiane a despertar um olhar diferenciado, não óbvio, não tão convencional e mais interativo, instigante e provocativo para a sua forma de ensinar e aprender Arte.

Mas aí, até a parte teatral não era óbvio; Eram algumas coisas alternativas diferentes. Então assim, acho que comecei a ter um olhar mais “assim”, desde o teatro. Então, trabalhamos Guimarães Rosa, as Primeiras Histórias, e um pedacinho do *Grande Sertão Veredas*. Nas Primeiras Histórias, o público entrava na Lagoa do Nado. A terceira margem do rio acontecia dentro do rio, todo mundo assistia dentro do lago da reserva. Por que a Lagoa do Nado é uma reserva florestal. E a gente fez... Tinha o teatro de arena, e tinha outros espaços. Então, o pessoal assistia a terceira margem do rio dentro do rio mesmo. Depois tinham dois teatros, que eu participava, um da “Menina de Lá” e o outro... não era dos irmão Dagouber não, eu esqueci. Era um tabuleiro de xadrez. Nesse outro, o público já tinha que escolher qual eles queriam assistir, se era o de lá, ou o de cá. Para assistir tudo, o espectador tinha que voltar de novo. O público ia acompanhando, ia andando, a gente ia fazendo o teatro e eles iam andando. Aí tinha o espelho, que era a primeira do Primeiras Histórias. Acontecia numa sala fechada, com uma atriz, uma de nós, só podiam entrar, acho que umas... nem dez pessoas. Quem quisesse ver voltava de novo. Podia entrar só de sete em sete, então todos ao mesmo tempo não podiam ver. (...) Já era em espaços alternativos. (...) E o trabalho antes disso, o trabalho de oficina, eram muito diferentes, muito louco, a composição dos trabalhos. (...) O próprio trabalho de preparação já foi assim. Do do teatro comecei a ter esse olhar mesmo diferenciado, não óbvio de teatro, de não ter um teatro tradicional, comum. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)⁵

Ainda em paralelo com essas experiências teatrais, segundo a professora Josiane, ela também fazia cursos de desenho,

Ah! Paralelo a isso eu desenhava, fazia desenho de propaganda e comecei a fazer outros cursos, de desenho, figurinista, desenho de propaganda, eu já desenhava também. Quando fui para SãoTiago, eu já tinha essas coisas que gostava também. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)

Essa formação teatral, esse olhar incomodado mais aguçado, se reflete nos trabalhos e experiências artísticas que a professora Josiane propõe e executa com seus alunos. Antes mesmo de realizar a entrevista aberta, em conversas e debates nas aulas do CEEAV-UFGM/EBA no polo Tiradentes, os depoimentos sobre as práticas que a Josiane nos relatava já me chamavam a atenção

⁵ A transcrição da entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015 foi textualizada.

para essa liberdade de trabalhar várias manifestações artísticas com suas turmas, bem como o apoio e interação da comunidade escolar em um todo. Essa relação, ficou bem clara no dia da observação, em que pude não só ver como sentir esse acolhimento da escola com as propostas da professora Josiane. Neste dia da observação, ministrei oficina de malabares e maquiagem clown aos alunos, a convite da própria Josiane. Esse contato foi interessante por proporcionar acompanhar um dia inteiro a convivência e experiências com todos da escola, mesmo com quem não estava fazendo a oficina, porém, estavam de alguma forma ajudando, ou observando, alguns perguntando sobre as oficinas, se haveria a possibilidade de ter oficinas para outras turmas. Nesse dia convivência e observação foi possível sentir, literalmente, essa relação da comunidade escolar e as propostas de uma professora de Arte que está sempre buscando algo novo e diferente para apresentar aos seus alunos.



Imagens 2, 3 e 4: Oficina de Maquiagem Clown e Malabares com os alunos do E. Fundamental e Médio. (Junho/2015)
Fonte: Arquivo Pessoal.

No princípio da investigação foi possível identificar algumas influências do processo de formação em relação aos processos de ensino/aprendizagem da professora Josiane, ainda que, a Arte

Contemporânea sendo uma das abordagens mais trabalhadas e desenvolvidas pela professora Josiane com os alunos da E. E. Afonso Pena Júnior.

Eu tento levar pra eles de tudo, teatro, dança, ... Por exemplo, às vezes eu fico com medo de ser chata, de podar alguma ideia, mas, eu tento trabalhar essa questão que é de sair do óbvio, que a arte contemporânea faz refletir. Eu acho isso legal, fazer com que os meninos reflitam. Acho que está precisando. Por exemplo, uma das últimas aulas, teve um grupo que até apresentou bem tradicionalmente, nada de inovação, mas foi legal, eles estavam falando de espaço, de criar, espaços de criar. E não sei por que, eu me lembrei do presépio aqui de São João. Falei que aqui em São João todo ano tem premiação de presépio. E teve um ano que eu achei muito legal, que era uma colher, lembra? Uma colher, um garfo, não sei se era uma colherzinha o menino Jesus, o presépio era com talheres. Fiz assim com meus alunos: “E aí, por que isso. Por quê?” Tentei propor essa reflexão. Mas na época, estava acontecendo realmente a campanha do Natal sem fome. O homem que ganhou em 1º lugar, acho que foi um padre. Um padre que fez e ganhou em primeiro lugar. “Talheres, objetos do cotidiano, que a gente não dá nada por isso.” Ter essa reflexão em cima deste objeto do cotidiano. (...) “Talheres gente, e aí? Os talheres você usa pra quê? Pra comer. Então, isso quer dizer o que?” Até tentar ver se eles falam alguma coisa, não precisa ser todo mundo igual, cada um pensa de um jeito. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)

No texto *Cognição Imaginativa*⁶, Lúcia Gouvêa Pimentel (2013), afirma que, quando se trata de arte, o pensar as emoções, desenvolver a sensibilidade e o afecto são essenciais para promoção do pensamento artístico. E ainda que, a Arte Contemporânea é ao mesmo tempo condescendência e contradição; apaziguamento e conflito; paridade e incongruência. (p. 98) Instigar questionamentos que façam os alunos pensarem, refletirem e criarem um posicionamento sobre um determinado tema, assunto, é um dos dispositivos produzidos pela professora Josiane para conduzir os seus trabalhos e experiências com a Arte na referida escola. O aprender com a arte torna-se um exercício do cotidiano, na nossa maneira de estar no mundo, de se relacionar com o mundo, com o conhecimento e consigo mesmo em um campo coletivo de forças, que todos de alguma forma estão envolvidos, mesmo como fruidor.

Alguns dessas condições para que a experiência com a arte aconteça, que a professora Josiane também direciona seus alunos, não está diretamente relacionado a aula de Arte, um exemplo, é a Festa do Café com Biscoito, um evento tradicional da cidade, que acontece anualmente na cidade de São Tiago, geralmente no segundo final de semana de setembro, na praça central da cidade, localizada em frente a E. E. Afonso Pena Júnior. A professora Josiane, incentiva e propõe que seus alunos participem e se apresentem nesse evento, entendendo a importância de participar de um evento cultural local, mesmo não tendo vínculo com as atividades da escola, nem com a aula de Arte. A arte pela Arte, a arte pela experiência com a Arte.

⁶ PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Cognição Imaginativa*. Pós: Belo Horizonte, v.3, n.6, p. 96-104, novembro, 2013.



Imagem 5 e 6: Instalações feita pelos alunos da professora Josiane na Festa do Café com Biscoito, em São Tiago.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Quando tem Café com Biscoito também, quem tá participando aqui comigo no evento, já está com nota *A* lá na escola. Faço isso, eu estou vendo o que o menino está fazendo, estou vendo, está diante dos meus olhos que o menino está fazendo um trabalho artístico. Por que tem que ser dentro da escola? Sou professora dele, sei que ele está fazendo isso. Eu acho que tem que valorizar o aluno, como todo o mesmo, não é só mesmo na parte intelectual. Por que tem que ser só a parte intelectual dele? Tem menino que não sabe nada, mas na parte artística (...) Tem dois meninos que acabaram com o 2º C da escola, de tanta graça que eles fazem. Porém, coloquei eles pra fazerem os palhaços, me virei: “Arruma uma performance, alguma cena de palhaço que vocês vão apresentar no Café Literário” Os meninos arrasaram, sabe? Então assim, têm várias coisas... hoje a gente não está mais fechado... Mudou, a escola está mudando. E os professores também tem que mudar. Sair desta postura mais tradicional, não está funcionando mais. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)

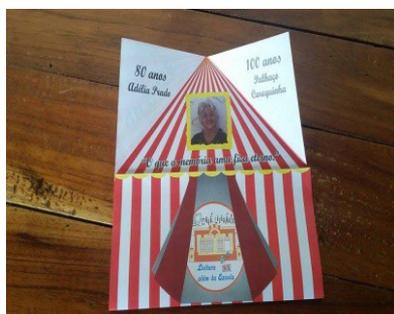


Imagem 7, 8 e 9: Instalações apresentadas no Café Literário da E. E. Afonso Pena Jr. 2015.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Nesse exemplo, a professora Josiane identifica em seus alunos suas potências, mostrando esse diferencial que a Arte proporciona para lidar com situações do cotidiano escolar. A professora identifica as ações que cada um produz, dentro e fora do ambiente escolar, nessa identificação ela aproxima os alunos ao legado cultural local, bem como as tradições populares da cidade onde vivem. Essa relação que a professora, os alunos e a comunidade escolar estabelecem se destacou

nos trabalhos artísticos que a professora Josiane com seus alunos executam.

E passar a valorizar todas as inteligências, mesmo múltiplas que é do teatro, da dança. Tem menino que às vezes é ruim em português, mas consegue decorar e fazer uma cena. Tem uma menina que é tão quetinha na escola (...)E eu acho legal pegar uns alunos assim. A professora de português fala assim: “Gente fiquei boba de ver aquela menina, ela nem fala dentro de sala, e não sei o que (...)” É legal, que assim o professor vai ter um outro olhar daquele aluno. E quem fez isso? Quem moveu isso? Foi a Arte, não é? Por que dá trabalho, eu tenho 50 minutos de aula, eu tenho minhas responsabilidades, tenho que está na escola também, mas tem umas coisas que você tem que fazer, extra, a mais... (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)

Outro exemplo relatado pela professora Josiane, foi uma performance provocativa que elaborou com os alunos de 3º ano do Ensino Médio, inspirado em uma performance do Paulo Bruscky apresentada no livro didático da turma. Nessa performance foi trabalhado o conceito de poética e a reflexão sobre: O que é arte?, na busca de uma ação diferente numa proposta do apreciar a arte. Cada aluno saiu de homem-sanduíche com uma frase que cada um elaborou,

Falei com eles: “Pode colocar a frase que vocês quiserem, que eu tento contextualizar, com o que está acontecendo ou com sentimentos. Vocês vão escrever alguma coisa que te incomoda, alguma coisa que você quer perguntar.” Saíram várias frases legais. Foram para o recreio apresentar, vestidos de preto, pintaram o rosto. Cada um saiu com uma frase que queria e tinha elaborado. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)



Imagem 10, 11 e 12: Performance Paulo Bruscky, apresentada pelos alunos durante o recreio para as demais turmas.
Fonte: Arquivo Pessoal

Foi possível compreender a partir dos relatos da entrevista aberta, que nos trabalhos da professora Josiane estava presente essa forma de sempre propor aos alunos desafios e experiências com a Arte, que os colocam na posição de atuantes e autores da ação. Vejo esta como uma potência a ser destacada desses processos de ensino/aprendizagem que pude acompanhar. Essa perspectiva de apresentar a performance para toda a escola, também mostrou essa vontade de que essas reflexões não ficassem restritas a uma sala de aula ou a uma turma, a proposta era que fizessem refletir a todos que eles convivem, ao menos no ambiente escolar. Essa performance provocativa, traz para o recreio da escola um novo espaço, um espaço para o apreciar arte, refletir com a Arte e experienciar com a Arte.

Lógico que tem dificuldades, tudo. Tem muitas coisas que eu posso fazer errado

também, mas assim, o que eu quero? O que eu quero é que eles reflitam a Arte. Não ser só essa coisa contemplativa, busco tirar um pouco deles. Na questão do abstracionismo, que falo muito, por exemplo, não tem um desenho, mas por quê que você compraria esse quadro pra poder colocar na sua sala? Por que tem emoção aquele quadro. Falo muito isso pra eles, você não tem só que olhar um quadro abstrato com os olhos da razão: “Por que ele fez isso?” É com os olhos do coração mesmo que vocês tem que olhar. É com emoção, que você tem que olhar a obra de Arte. Não é só por que tem um desenho. É figurativo. Eles dão valor muito aquilo que estão vendo. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)



Imagem 13 e 14: Instalações apresentadas no Café Literário 2015.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Depois do Café Literário eu percebi o entusiasmo dos meninos. Por exemplo, adoro quadro abstrato e peço eles pra observar essas novelas. “Se vocês tiverem a oportunidade de ver alguma novela, sem ser de época, é claro, mas a maioria dos quadros, olha alguns objetos que estão aí, algumas obras de Arte que estão nessas casas, principalmente de pessoas mais ricas na novela e tudo mais... tudo abstrato, e tem obras maravilhosas. Outro exemplo, trabalhei com, no 9º ano eu tava trabalhando, Michelangelo e Leonardo da Vinci, o Renascimento. Mostrei as três Pietás do Michelangelo. “Gente, qual que vocês gostam mais?” Assim, lógico que eles vão na de São Pedro. “Pois é... mas tem a de Rondanini. Por que a Pietá de São Pedro, ela foi polida toda, não tem um lugar que não foi tocado pelo Michelangelo, que não foi polida. Porém estava em outro contexto, ele era jovem e fazia esteticamente mesmo para as pessoas verem, o que era belo, bonito. Também tem a de Rondanini, que é de Fiorentina, é muito legal, que tem Maria, Maria Madalena do lado e atrás tem o Nicodemo, também ajudando tirar Jesus da cruz. Nicodemo com o rosto do Michelangelo, é assim que a história fala Agora a de Rondanini ela é toda assim, mais rústica. Não tem muitos detalhes no rosto, parece que está inacabada.” Explicando pra eles, o sentimento que traz essa obra, a Pietá de Rondanini, por que ela não estava ainda do jeito que ele queria, então ele continuou trabalhando nela. Só que ele não estava preocupado com a estética exterior, e sim sempre a interior. Na imagem, ele estava mais preocupado com os sentimentos dele, com o sentimento que ela ia transmitir, e não esteticamente. Parece que Maria que está segurando Jesus, mas ao mesmo tempo parece que Jesus está segurando Maria sabe? Então assim, parece que tem uns sentimentos por trás. Acredito que tem que ter “olhos” pra ver essas coisas, e não focar só no que é belo pra eles. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)

A experiência de comparar as obras de arte, atentando-se para a percepção dos alunos às obras, a forma de contemplação que não se perpassa pela razão, pela leitura, mas pelos sentidos e

pela afecção, ou seja, como a obra nos toca é fundamental para o desenvolvimento dos processos criativos dos alunos.

Outra potência identificada, que move os trabalhos da professora Josiane é a sua participação com os alunos nas propostas. Ela elabora uma ideia, constrói, e principalmente, executa-a com os alunos as propostas e trabalhos artísticos que sugere. Estando sempre atenta aos desejos e ideias sugeridas pelos alunos, dando a eles voz nas criações, e assim proporcionando que o aluno se encontre em qual momento de cada trabalho ele deseja participar.

Hoje eu vejo que a relação que eles têm comigo é de convivência mesmo. Como exemplo, para este Café Literário, meus alunos falaram: “Ah não! Vamos fazer um teatro.” Fico com muito medo, quando falam de teatro comigo. “Nós mesmos vamos escrever!” Eu: Meu Deus do céu!! “Nós mesmos vamos escrever.” Eu: Ai meu pai do céu! E assim, você tem que deixar. Como é um processo mesmo de construção, você, enquanto professor, tem que deixar. A princípio pensei que viria aquele teatro tradicional, e pessoalmente não gosto. Me indaguei, o que vou falar com os alunos? E assim eles começaram a elaborar. Eu não querendo podar, e eles começaram a escrever. Porém, percebi que estava ficando em cima da hora. Um dos meus alunos disse: “Ah Josiane, não sei esse teatro.” Respondi: “Não gente, eu vou ajudar vocês.” Mas não saía. Os alunos não tinham muito tempo. Lembrei-me que antigamente, na época quando ia muito circo na cidade, tinha um teatro que eles faziam, *E o céu uniu dois corações*, já ouviu falar? Estava tudo bem, esse é um teatro tradicional, mas tem uma história. A população de São Tiago assistiria e lembraria da infância, da adolescência, Quando fomos pegar a peça, era muito grande a obra, então comecei a dar capítulos pros meninos adaptarem. Mas esse trabalho de adaptação não é muito fácil. Mas deixei com meus alunos. Logo perceberam a dificuldade de adaptar o texto teatral. Por fim, auxiliei-os, diminuí muita coisa das adaptações, como o tempo era curto, acabei por entregar pronto para eles pudessem ensaiar. Mesmo assim, é legal confiar e deixar. Foi muito legal, eles apresentaram, era um teatro tradicional, mesmo assim, eles conseguiram, eram muitas falas. Mas eles conseguiram montar e emocionar as pessoas, que era a ideia de emocionar. Por que várias pessoas assistiram a essa peça anos e anos atrás, os meus alunos trouxeram à tona essa peça nesse ano, através do Café Literário. Então foi bem legal, pois assim, eles viram que eles conseguiram. Eles estão numa empolgação, falaram que vão até registrar um grupo de teatro. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)

Essa relação professor e aluno que a professora Josiane construiu com seus alunos, estão para além do ambiente escolar, os trabalhos se fazem além da sala de aula. De forma que toda a comunidade escolar participe, ou assista. Nesse sentido, as reflexões e experiências abrangem não somente aos alunos, como também a comunidade escolar e comunidade local. Nessa relação da professora Josiane e seus alunos desenvolveram certa cumplicidade, que é refletida nos trabalhos que desenvolve, os alunos não só interagem com a proposta, como propõe e constrói juntos novas experiências com a Arte. Não havendo restrições nas relações com alunos, com a sua vida e com o ensinar Arte, estão ligados integralmente.

Os meus alunos que tem meu número de *whats app* e me me mandam mensagem: “Oh Josiane, estou faltando algumas aulas e não sei o que posso fazer”... Eu respondo, não ligo não. A minha vida é muito misturada na educação, com os meus alunos, eu não tenho aquela “separação”. Eu participei junto com eles na peça, então assim, isso aproxima mais eu ainda eles, eu sinto isso. Em uma aula por semana eu

ainda consigo tanta coisa. (...) Então é isso Ana Karla, eu realmente faço o que gosto, e quando a gente faz o que gosta algumas coisas nos move. A educação e a arte, acredito que estão na minha vida. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)

Nos processos de ensino/aprendizagem da professora Josiane encontra-se o compromisso com o saber arte e com o saber ser professor de arte como sugerem Ferraz e Fusari (2001), tendo em vista a consciência da importância desse processo transformador, de construção de subjetividades e construção de conhecimento, proporcionando aos alunos essa aproximação ao legado artístico e cultural ao qual pertencem, e o desenvolvimento do saber estético e artístico de cada aluno, dela mesma e de todos que estão envolvidos, direta e indiretamente.

Em outra turma específica ministrou, além da disciplina de Arte, a disciplina de Comunicação Aplicada, do Projeto REM – Reinventando o Ensino Médio, com um projeto de fotografia nomeado *Um click... muitos olhares, ideias e emoções*. Realizado no ano de 2014, com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, com o objetivo de conhecer a partir das imagens criadas o gosto individual de cada um. Proporcionando um diálogo sobre a arte e a fotografia contemporânea. As relações, vivências e trocas experienciadas nessa disciplina aproximou a professora Josiane dessa turma. Esse trabalho que envolveu todos, num coletivo, onde os alunos realizaram um projeto de fotografia, diferente dos trabalhos que já haviam realizado. Essa proposta inédita a esses alunos, despertaram neles um interesse maior e conseqüentemente houve uma melhor participação dos alunos, que puderam não só debater sobre a arte, como puderam ter uma experiência com a arte, fotografar e criar uma obra de arte a partir dessa fotografia.



Imagem 15: Encontro do projeto Um click, turma de Comunicação Aplicada. Imagem 16: Logo do projeto.
Fonte: Foto - Arquivo Pessoal. Logo – Cedido pela professora Josiane Marques.

Eu vejo também, por exemplo, na escola tem uma turma não é muito fácil, um segundo ano do ensino médio. Porém como ministrei a disciplina de Comunicação Aplicada, nós fizemos um projeto de fotografia. Nesse projeto convivi mais com os alunos dessa turma. A aula de Arte é uma vez só na semana, e acho que até consigo muito ainda, por ser uma vez na semana, cinquenta minutos e uma vez na semana, e acredito que até consigo ainda muito. Mas com esse projeto tive a oportunidade de conviver mais com esta turma, por causa dessa disciplina de comunicação aplicada que foi pra essa turma. A turma do 1º ano A, hoje eles são o 2ºano B. E sinto que o relacionamento é diferente, por causa dessa convivência que a gente teve. A gente

fez um projeto de fotografia, a disciplina de comunicação aplicada tem muito a ver com a Arte, nesse sentido, fizemos um projeto de fotografia. Levei os alunos em um aras, por que eles gostam muito de cavalos. Fizemos um trabalho de fotografia com animais de estimação. Então, usei o que eles gostavam para poder está inserindo a arte na questão da comunicação aplicada. Hoje, vejo que a relação que eles têm comigo é de convivência mesmo. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)

No texto *Abordagens sobre o material didático no ensino de Artes Visuais*⁷, Geraldo Loyola (2011), no tópico onde trata a Arte e Cognição, afirma que,

Partindo do que o aluno já conhece, do que é comum para ele e do que ele aprecia em arte, pode-se estimulá-lo a descobrir, explorar e experimentar alternativas em Artes Visuais. (LOYOLA, 2011, p. 04)

Concordo com Loyola, principalmente no ponto de que o que o aluno aprecia, o que perpassa pelos seus perceptos e afecctos, tende a estimular o pensamento artístico, fazendo assim surgirem os desejos pelas descobertas e experiências com Arte, compreender e refletir a Arte no experenciar com a Arte. Loyola (2011), ao tratar do material didático, entende como sendo um componente indispensável no ensino/aprendizagem em Artes Visuais. E ainda que,

O material didático para Artes Visuais deve ser instigante e despertar a curiosidade dos alunos, deve “tocá-los esteticamente”, no sentido de provocar estímulos e interesses em saber do que se trata, do que é feito, da possibilidade de experimentá-lo e compreendê-lo, etc. (LOYOLA, 2011, p. 01)

Nos processos de ensino/aprendizagem da professora Josiane no que se refere aos módulos a serem cumpridos e ao livro didático sugerido, alguns dispositivos são produzidos. Sendo esses aplicados de acordo com a necessidade de cada turma. No 1º ano do ensino médio, por exemplo, a professora começou seguindo as atividades sugeridas pelo livro didático, porém, percebeu a necessidade de parar com o livro didático por um momento, e dar o foco em outros temas que o livro não abrangia especificamente, a professora Josiane complementou o conteúdo teórico, como ela expressa na seguinte fala,

Tem um livro didático agora, sabe? E no 1º ano eu comecei com o livro didático, é muito legal o livro didático, começou a falar de Teatro Mágico, de performance, veio o Paulo Bruscky, veio umas coisas legais. Depois eu dei uma parada como 1º ano, percebi que precisava complementar algumas coisas, precisava falar, um pouco assim de impressionismo, expressionismo, abstracionismo. Para que eles saibam um pouco, pra que possa me relacionar. Acredito que eles precisem ter uma bagagem teórica, e não só prática. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)

Já nos 2º e 3º ano, por serem os anos finais do ensino médio, que nesse ano de 2015 a resolução SEE n° 2741/15 (Secretaria do Estado de Educação – MG), contemplou uma aula de Arte nos 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, o processos de ensino/aprendizagem acontece de forma mais

⁷ *Abordagens sobre o material didático no ensino de Artes Visuais*, texto da disciplina de Laboratório de Ensino de Artes Visuais, do Curso de Especialização de Ensino de Artes Visuais (CEEAV), da Escola de Belas Artes (EAB), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ministrada pelo professor Geraldo Loyola, Belo Horizonte, MG, 2011, p. 01 – 08.

livre e flexível, de modo que os alunos tenham mais condições para a experiência com a Arte.

Solicitei que escolhessem um tema do livro, alguma coisa do livro. Porque assim, não fico seguindo o livro didático, eu vejo o que que é que está precisando ser trabalhado, mas tem umas coisas legais no livro. Solicitei que cada um escolhesse uma coisa do livro pra trabalhar, algum tema, algum capítulo interessante. Então, o 2º ano começou uma das apresentações. Tem grupo que na apresentação é muito legal, aí tem grupo que é mais simples, não investe tanto. Depende muito dos alunos por que tenho aluno de tudo quanto é jeito. Acho que o que me move muito é a minha empolgação, eu sou empolgada mesmo. Quero fazer acontecer. Tem a parte que eu preocupo mais, por exemplo, com os alunos do 3º ano, enquanto não passar o ENEM nós estamos trabalhando as questões de Arte no ENEM. Cada aluno teve que postar no facebook, no grupo Degustando Arte, uma questão para discutirmos, em seguida seleciono, e levo para passar no datashow e assim nós vamos discutindo as questões que eles sugeriram. (Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2015)

Seguindo a ideia de produzir dispositivos que auxiliem as aulas de Arte de acordo com as necessidades das turmas, a professora Josiane, em 2012 criou em uma rede social, no *facebook*, o grupo Degustando Arte. Neste grupo os alunos expõem suas dúvidas, questões a serem debatidas, imagens e fotos de experiências artísticas, no intuito de que as discussões sobre a arte estejam no cotidiano dos alunos, e não apenas em uma aula semanal. Os saberes estéticos e artísticos se dão para além da sala de aula e de uma forma onde outros alunos de outras turmas também participem e contribuam. Essa ideia, de um grupo em uma rede social em que se podem degustar a arte, não apenas nos momentos das aulas, mas em casa, com os familiares, amigos e de uma forma onde todos mesmo que não participem efetivamente do debate, estão participando do grupo e vendo o que nele se é postado e debatido. Além disso, a professora criou essa dinâmica de ler na sala de aula as questões postadas no grupo Degustando Arte, isso me mostrou uma continuidade com o que está sendo publicado e uma responsabilidade em abranger a todos. Os processos de ensino/aprendizagem da professora Josiane com seus alunos é feito de forma em que todos são coautores, participantes e autores em uma construção coletiva do compreender e experienciar a Arte em suas diversas manifestações. Sendo criadas as possibilidades para que a experiência com Arte aconteça, e assim, construïrem o conhecimento a partir dessas vivências com a Arte.

Por algumas limitações, enquanto pesquisadora, tive algumas dificuldades para reencontrar com a professora Josiane, para que pudéssemos realizar outras entrevistas, outros momentos de observações, antes do prazo final para sistematização dos dados produzidos na pesquisa. Assim, nosso contato permaneceu por mensagens, as dúvidas que tinha sobre um determinado assunto, ao qual tratamos na entrevista aberta, ou no momento da observação, íamos nos comunicando por mensagens. Outro fator importante que emergiu nessas trocas de mensagens foi o relato de experiência da professora Josiane que ela realizou para sua pesquisa e me disponibilizou para que pudesse completar dados e informações de determinados assuntos, projetos que foram relatados na entrevista aberta, como não houve outras entrevistas esse relato foi um dispositivo que auxiliou-me

nos detalhes dos temas tratados na entrevista aberta. Mas, antes de todos esses momentos (entrevista aberta, observação, troca de mensagens, relato de experiência) houve outros encontros, não registrados especificamente na pesquisa, mas que compõe, fazem parte desse estudo de caso. Foram encontros informais, “conversas de corredores”, que muitas vezes eram onde esclareceríamos nossos objetos de pesquisa, ambos ligados aos processos de ensino/prendizagem. Entendo que a pesquisa, principalmente em um estudo de caso inspirado no método da cartografia, não é somente o que consta nos registros, no cumprimento dos objetivos (geral e específicos), estão para além desses dados codificados. A investigação desse estudo de caso e as produções de dados para sistematização da pesquisa estiveram também por entre esses encontros previstos. As trocas de experiências para compreensão dos processos de ensino/prendizagem da professora Josiane aconteceram em outros momentos que não foram previstos, ou devidamente registrado por áudio ou fotografia, porém fazem parte da investigação desse estudo de caso.

(In)Conclusão

Compreendi que nos processos de ensino/aprendizagem da professora Josiane no ensino de Arte possui uma individualidade, especificidade no sentido de criar condições para que a experiência com a Arte aconteça, compartilhando experiências para compreender e refletir com a Arte. As práticas de ensino-apredizagem em Artes Visuais realizadas na E. E. Afonso Pena Júnior, com as turmas da professora Josiane, não é uma palavra de ordem, não tem um método pré-definido, não há uma regra pronta para ser seguida. Esses processos de ensino-apredizagem são construídos todos os dias, nas relações cotidianas, no fazer junto, nas trocas de vivências.

Concluo que enquanto artista-professora-pesquisadora, acompanhar os processos de ensino/aprendizagem de uma professora de Arte, como a Josiane, possibilitou que ampliasse minha percepção do que é ser professorar de Arte, do que é o ensinar Arte. As potências e dispositivos que movem e são produzidos por essa professora de Arte estão presentes no seu cotidiano, o ensinar Arte é movimento transformador na vida daqueles que a experienciam. Ponto interessante que destaco no processos de ensino/aprendizagem da professora Josiane, é a relação de que o experimentar e aprender Arte são efeitos onde ambos, sujeito, objeto e conhecimento se transformam e se modificam. É perceptível o compromisso da professora Josiane para com seus alunos, as experiências artísticas e trabalhos que propõem reverberam nas relações com seus alunos.

Com esse estudo pude ampliar minhas concepções a respeito do ensino de Arte e do ser professor de Arte. Como uma perspectiva da cartografia esse estudo não se finaliza com a entrega dessa monografia, ainda terá ramificações.

Referências

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução de Aureléio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, 94 p. (Coleção TRANS)

FERRAZ, M & FUSARI, M. H. **A arte na Educação Escolar**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001, p. 55-57.

LOYOLA, Geraldo. **Abordagens sobre o material didático no ensino de Artes Visuais**, texto da disciplina de Laboratório de Ensino de Artes Visuais, do Curso de Especialização de Ensino de Artes Visuais (CEEAV), da Escola de Belas Artes (EAB), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ministrada pelo professor Geraldo Loyola, Belo Horizonte, MG, 2011, p. 01 – 08.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Vírgina. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre. Editora Sulina, 2014, 207 p.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Cognição Imaginativa**. Pós: Belo Horizonte, v.3, n.6, p. 96-104, novembro, 2013.

WELLER, Wivian.; PFAFF, Nicole. **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**. 3. ed. Petrópoli, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2013, 336 p.